

Safira não nasceu assim

JORGE
IVAM
FERREIRA

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Despertando em lugar desconhecido

QUERO CONTAR-LHE A HISTÓRIA de uma jovem e bela chamada Safira, mas antes leia o que ela escreveu em seu diário:

“Não queira saber o que é despertar com a sensação de que você dormiu por dias seguidos e, pior, sem saber onde está. Você vê que no teto não há aquele lustre que, algumas vezes, você temeu, sem motivo, que caísse sobre seu corpo. Olha ao seu redor procurando reconhecer as coisas que decoram seu quarto e só vê paredes brancas. Desce mais seu olhar e depara com camas altas, de ferro. Você, que já assistiu a filmes com cenas de hospital, começa a desconfiar que está em um deles. O silêncio por si só já poderia confirmar a sua hipótese, mas você sente um ressonar próximo da cabeceira de sua cama, na verdade, seu leito, vira a cabeça e vê sua mãe exausta, sentada numa cadeira com uma manta cobrindo-lhe as pernas. Apavorada sem entender o que houve, você chama por ela, que acorda e sorri, mas é um sorriso que expressa mais tristeza do que alegria. Você quer se virar de corpo inteiro para ela e sente, na

sua perna uma dor violenta, que imobiliza todo o seu corpo. Nesse momento, sua mãe já está curvada sobre você, beijando-lhe carinhosamente a testa e afagando os seus cabelos. Lágrimas caem sobre você porque ela está se martirizando por ter de transmitir-lhe uma terrível informação.

Não sabendo por onde começar a narrar a tragédia, sua mãe faz-lhes indagações com cujas respostas você não atina porque sua memória sofreu um bloqueio. Você fecha os olhos, enruga a testa, concentra-se, mas o máximo que consegue trazer do fundo de si mesma é a imagem dos faróis de um carro se aproximando perigosamente de você. Daí para frente tudo é escuridão. Por mais que você se esforce, por mais que deseje, não consegue se lembrar do que aconteceu entre aquele momento e este em que você despertou num leito hospitalar.

Sua mãe agora já com a respiração regular e, sentindo-se relativamente preparada, passa a contar-lhe o que disseram as pessoas que lhe socorreram e o que foi feito a partir do momento em que você foi levada para o pronto-atendimento. Você se desespera e descobre a perna para vê-la porque não acredita que ficou sem pé. Mal constata a verdade do que sua mãe lhe dissera, e vem-lhe a cabeça a preocupação com a reação do seu amado quando ele tiver essa notícia. Você se desespera porque tem certeza de que ele não a aceitará assim. Vai sumir da sua vida para sempre. Você chora tanto que dá a impressão de que se esvairá em lágrimas. No fundo, você deseja que isso seja possível, porque não vê mais razão em continuar a viver. Imagina que seu futuro será um mar de sofrimentos, infindáveis como as ondas que ora são maiores, ora são menores, mas sempre constantes.

Sofrendo mais do que é possível se imaginar, sua mãe diz de si para si que daria todo o dinheiro que possui ou que viesse a possuir para vê-la tal qual você era. Logo arrepende-se. Acha que dinheiro não é justo entrar nessa promessa e, como se estivesse negociando, promete doar-lhe o seu próprio pé ou trocar de lugar com você, mas se dá conta de que isso não é possível. Se fosse, ela ficaria sem um pé para que você ficasse inteirinha. Afinal julga que vivera muito, já casara, já tivera filhos (na verdade, só teve você.) enquanto você, tão jovem, tem toda uma vida pela frente. Ah, como ela anseia por poder fazer alguma coisa para não ver você nesse estado! Ela chega a culpar-se por não ter ido buscá-la no colégio. Nem o fato de já não se lembrar de quanto tempo fazia que você perambulava sozinha por toda a cidade diminui o remorso de não ter ido esperá-la na saída do prédio em que você se preparava para o vestibular. É sabido que o responsável por sua mutilação foi um bêbado, mas sua mãe, inconsolável, quer imputar a si mesma um descuido na sua proteção como se você ainda fosse uma garotinha recém-saída dos cueiros.

É compreensível que você não perceba nem dez por cento do sofrimento de sua mãe porque, nesse momento, você só pensa no seu futuro sem a companhia de seu amado, que não a quererá assim. Se ele ao menos estivesse morando na mesma cidade em que você habita para condoer-se de você vendo o tamanho do seu sofrimento; mas, nesse momento, ele se encontra a mais de dois mil quilômetros de distância ignorando totalmente o que se passa com você. Sua perna ainda está sob efeito de medicamentos, a dor é quase imperceptível, mas você começa a berrar como se ela fosse insuportável. O que

lhe dói de verdade é imaginar o desprezo com o qual o mundo vai olhá-la. Até toleraria tudo isso se seu amado não se incluísse nessa gente que vai fitá-la com desdém ou com uma fingida compaixão – o que talvez seja pior.

Se você, leitor(a), estranhou o fato de a filha se colocar no lugar da mãe e condoer-se desta em vez de se voltar exclusivamente para o próprio umbigo, saiba que não está só, mas considere que isso foi possível porque Safira escreveu esse texto muito tempo depois do atropelamento, o que lhe possibilitou uma análise distanciada de como sua mãe tinha se sentido naquele dia.

CAPÍTULO 2

Não nasci assim

QUANDO SAULO A CONHECEU, Safira era uma garota de 21 anos e vivia confinada voluntariamente em seu quarto havia quatro anos. Sua mãe ou a empregada levava ali suas refeições. Fora atropelada, perdera parte da perna na altura do tornozelo e desde quando chegou do hospital se recusava a sair do seu quarto.

Um dia, Luís, um amigo de Saulo, disse-lhe que precisava ir a uma cidade perto de Franca visitar uma tia, que havia muito tempo que ele não a via e convidou Saulo para acompanhá-lo. Essa tia era a mãe de Safira. Saulo não se entusiasmou com o convite. O que é que ele ia fazer lá? Mas o amigo insistiu tanto que venceu sua resistência.

Na casa da tia de Luís, Saulo ficou impressionado com a história de Safira, mais propriamente com sua obstinação em não sair à rua. Achou-a muito bonita e saudável para recusar-se a viver como os demais.

– Você pode usar uma muleta ou uma prótese. – Declarou Saulo como quem faz uma revelação.

Fim



LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em Adobe Garamond Pro pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em outubro de 2023.
